

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

Alline Mikaela Pereira

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO LIVRO DIDÁTICO DE  
HISTÓRIA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2013

ALLINE MIKAELA PEREIRA



**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO LIVRO DIDÁTICO DE  
HISTÓRIA**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Pólo UAB do Município de Umuarama-PR, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Campus Medianeira.

Orientador(a): Prof. Ms. Andriele de Prá Carvalho

MEDIANEIRA

2013



---

## TERMO DE APROVAÇÃO

Titulo da Monografia

Por

**Nome do aluno**

Esta monografia foi apresentada às 18:40 h do dia 13 **de** Dezembro **de** 2013 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Pólo de Umuarama, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **aprovado**.

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Me. ....  
UTFPR – Campus Medianeira  
(orientadora)

\_\_\_\_\_  
Prof Dr. ....  
UTFPR – Campus Medianeira

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Me. ....  
UTFPR – Campus Medianeira

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso-.

Dedico esse trabalho a todas as mulheres e suas diversas identidades, mulheres que lutam e que se calam, que se fazem e se refazem. Em especial à Aline Gabriela Copseski (*in memoriam*) que despertou o meu lado feminista adormecido.



## AGRADECIMENTOS

A Deus pela sua infinita misericórdia e pelos milagres que fez em minha vida.

Aos meus pais Vanda e Nelson, pelo sopro da vida e por me conduzirem no caminho que me tornou o que sou, o meu eterno agradecimento. Amo vocês!

Ao historiador e esposo Angelo que me ajudou a compreender melhor os grandes conteúdos da história. Amo-te

A minha orientadora professora Ms. Andriele de Prá Carvalho pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Às tutoras presenciais Elisangela e Ivaldete por todo carinho e cuidado durante o curso.

Às tutoras à distância contribuíram com seu conhecimento no decorrer das discussões.

Por que a ciência nos é inútil?  
Porque somos excluídas dos encargos públicos.  
E por que somos excluídas dos cargos públicos?  
Porque não temos ciência.

*Nísia Floresta*

## RESUMO

PEREIRA. Alline Mikaela. A representação da mulher no livro didático de História. 2013. 50 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

O Trabalho ora apresentado é resultado de uma pesquisa documental, em que o livro didático foi tomado como fonte para a realização de uma análise de conteúdo. O objetivo foi investigar a representação da mulher no livro didático público de História do estado do Paraná. A pesquisa justifica-se pela importância de se discutir a história das mulheres na história da humanidade, bem como compreender a representação da identidade feminina construída no livro didático, que se configura em um instrumento metodológico importante no ensino de história no ambiente escolar. Apresenta-se o conceito de gênero, identidade e representação e problematizamos o livro didático enquanto instrumento ideológico e cultural bem como a presença da mulher na historiografia. No capítulo final é contemplada uma análise dos conteúdos apresentados sobre a história das mulheres interpretados às luzes da representação da identidade feminina.

**Palavras-chave:** História da mulher, representação, livro didático.

## **ABSTRACT**

PEREIRA . Alline Mikaela . The representation of women in the history textbook . In 2013 . 50 sheets. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

The work presented here is the result of desk research , in which the textbook was used as a source for conducting a content analysis . The objective was to investigate the representation of women in public textbook history of the state of Paraná . The research is justified by the importance of discussing the history of women in the history of mankind , as well as understanding the representation of female identity constructed in the textbook, which sets up an important methodological tool in the teaching of history in schools. It presents the concept of gender , identity and representation and problematize the textbook as an ideological and cultural instrument and the presence of women in historiography. The final chapter is an analysis of the contemplated contents on the history of women interpreted the lights of the representation of female identity.

Keywords : History of women representation textbook.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Relações de trabalho nas diversas sociedades .....	30
Figura 2 - A Mulher e o trabalho Assalariado.....	31
Figura 3 - Trabalho feminino na mina de Morro Velho.....	33
Figura 4 - As Respigadeiras.....	34
Figura 5 – Helenas.....	37
Figura 6 - A mulher romana coberta pelo véu.....	39
Figura 7 - Fiandeiras de Seda .....	40
Figura 8 - Relações de trabalho e a resistência da mulher .....	41
Figura 9- O movimento feminista disfarçado de Bairro Reunido.....	43

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>13</b>
2.1 A HISTÓRIA DAS MULHERES E A QUESTÃO DE GÊNERO: A QUESTÃO DE GÊNERO E DA IDENTIDADE .....	13
2.2 A HISTÓRIA DAS MULHERES E A HISTORIOGRAFIA.....	16
2.3 O LIVRO DIDÁTICO COMO INSTRUMENTO IDEOLÓGICO E DE CONSTRUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES .....	19
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>25</b>
3.1 FONTE DE PESQUISA .....	25
3.2 TIPO DE PESQUISA .....	26
3.3 ANÁLISE DOS DADOS .....	26
<b>4 RESULTADO DA DISCUSSÃO .....</b>	<b>27</b>
4.1 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ .....	27
4.2 UM LIVRO DIDÁTICO CRÍTICO .....	29
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>46</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>48</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade atual é fruto de uma construção histórica que se deu ao longo da existência humana, dessa forma, a escola enquanto instituição social tem por objetivo principal a socialização e a reconstrução dos saberes produzidos historicamente pelo homem por meio da prática educativa e o seu processo pedagógico de ensino e aprendizagem, sendo assim, a escola possui uma função social importante para a humanização.

Nessa instituição social complexa e dinâmica que é a escola adquirimos boa parte do nosso conhecimento, e é a partir do conhecimento que somos capazes de elaborar conceitos próprios e interpretarmos a ação humana e os acontecimentos sociais.

Dentro dos saberes que adquirimos na escola que nos permitem a interpretação da sociedade, ou das sociedades, tendo em vista a diversidade das organizações humanas, temos a ciência histórica ocupando um espaço importante no currículo escolar por meio da disciplina de história, sendo essa fundamental e importante no processo de compreensão do homem e sua humanidade.

A História, enquanto ciência do passado permite ao aluno compreender como a humanidade se configurou ao longo do tempo bem como os elementos sociais, econômicos e políticos que constituem essa configuração.

Sendo assim, por meio da disciplina de história diversas representações e identidades são construídas pelos conhecimentos escolares trabalhados em sala de aula. Ela se caracteriza pelas “condições de identificar processos históricos, reconhecer criticamente as relações de poder neles existentes, bem como intervirem no mundo histórico em que vivem, de modo a se fazerem sujeitos da própria História” (Paraná, 2006, p. 83).

Entre as discussões promovidas pela História figuram os sujeitos oprimidos que não foram representados na historiografia, na literatura, nos meios de comunicação de massa, nos livros didáticos de várias formas e em que geralmente predominaram as representações produzidas pelas classes dominantes quando os mesmos aparecem.

As mulheres fazem parte do grupo de oprimidos ao longo da história, a exemplo da sociedade grega. Ao estudar as grandes civilizações, a Grécia aparece como sendo uma das maiores e principais delas, mas e quanto às mulheres da

sociedade grega? O que conhecemos em relação a elas? Sabemos das formas de resistência que elas empregaram na antiguidade? Alguma representação sobre essas mulheres são construídas no ensino de história por meio dos livros didáticos? Quais são elas?

A presente pesquisa objetivou identificar o que se ensina sobre a história das mulheres, identificando qual representação é construída a cerca do gênero feminino entendido aqui não apenas como diferença de sexo, mas como a identidade construída em torno das diferenças sexuais entre mulheres e homens (LAURETIS, 1994).

Para tanto contemplou como objetivos específicos a identificação dos conteúdos que contribuem para a construção de uma representação da mulher nos livros didáticos, a análise crítica os conteúdos identificados e a descrição das análises realizadas

Partimos da compreensão de que a disciplina de história permite compreender que as práticas sociais são construídas historicamente e que os nossos pensamentos acerca das coisas do mundo são subjetivados a partir destas nossas relações.

Nesse contexto, o livro didático figura enquanto instrumento metodológico amplamente utilizado na prática educativa escolar e também no ensino de história, a respeito podemos dizer às luzes de Bittencourt (2008), que ele é um importante veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura. Utilizamos a pesquisa documental onde o livro didático foi tomado enquanto documento e fonte de pesquisa (CERTEAU, 2011).

A importância de se estudar o livro didático em um curso de especialização em métodos e técnicas de ensino se dá pelo fato de o mesmo ser um instrumento metodológico amplamente utilizado na educação e em especial na educação escolar (em algumas escolas é o único instrumento). Faz-se de extrema relevância que os educadores o compreendam como um veículo propagador de ideologias e de construção de representações, de forma que saibam utilizá-lo de forma crítica e consciente na sua prática educativa.

A presente pesquisa se organiza em três partes: inicialmente é apresentada a história das mulheres na busca de compreender e refletir o conceito e a configuração

da questão de gênero ao longo da história, o conceito de identidade e a presença da mulher na historiografia também são apresentados.

A segunda parte trata dos procedimentos metodológicos utilizados e na terceira o livro didático é discutido enquanto vetor ideológico e de construção de representações, problematizando as questões que envolvem esse instrumento didático-metodológico tão utilizado no ensino de história.

Por fim contempla-se a análise da representação da mulher no livro didático a partir da identificação e análise dos conteúdos que contemplam discussões a cerca da história da mulher.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A HISTÓRIA DAS MULHERES E A QUESTÃO DE GÊNERO: A QUESTÃO DE GÊNERO E DA IDENTIDADE

Este capítulo se inicia esclarecendo que reconhecemos que a condição feminina é construída historicamente e socialmente, e ainda, que entendemos que a “história das mulheres” se consolida especialmente a partir da sua história de luta e de resistência ao poder e ao domínio do homem enquanto gênero masculino.

No estudo da história da humanidade é quase nula a escrita de uma história do homem enquanto gênero masculino, pois a história da humanidade de uma forma geral, sempre foi apresentada como a história dos homens e não das mulheres, assim, a história das mulheres foi escrita de forma “paralela” por assim dizer e a partir das representações que são construídas com base na identidade que lhe é atribuída.

Nesse contexto surge a palavra “gênero”, termo essencial para as análises que são feitas neste trabalho.

A palavra gênero surge no âmbito das discussões históricas e culturais para substituir a palavra “sexo”, haja visto que essa serve apenas para diferenciar mulheres e homens enquanto seres biologicamente diferentes:

Nesse sentido, uma das propostas da História preocupadas com gênero é entender a importância, os significados e a atuação das relações e representações de gênero no passado, suas mudanças e permanências dentro dos processos históricos e suas influências nesses mesmos processos. (BASSANEZI, 1992 apud PINSKY, 2011 p. 09)

No contexto da História, em especial da História Social, compreender a mulher na história da humanidade significa principalmente entender os significados e os significantes advindos da constituição da identidade do gênero feminino. Teresa de Lauretis (1994) escreveu um artigo extremamente importante para a compreensão do conceito de gênero, com o qual comungamos, ela nos dirá:

Ele tende a reacomodar ou recuperar o potencial epistemológico radical do pensamento feminista sem sair dos limites da casa patriarcal [...] Por potencial epistemológico radical quero dizer a possibilidade de conceber o sujeito social e as relações de

subjetividade com a socialidade de uma outra forma: um sujeito constituído no gênero, sem dúvida, mas não apenas pela diferença sexual; e sim por meio de códigos linguísticos e representações culturais; um sujeito “engendrado” não só na experiência de relações de sexo, mas também nas de raça e classe: um sujeito, portanto, múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido. (p. 208)

Os códigos linguísticos e representações culturais que caracterizam o gênero feminino são aspectos importantes para se compreender a identidade da mulher, nesse contexto recuperar a sua história enquanto gênero, (a partir dos pressupostos teóricos que concebemos aqui) é extremamente importante para as análises sobre a forma como os livros didáticos as apresentam. Para realizar essa recuperação é necessário ainda compreender que:

O conceito de gênero tem o objetivo de chamar a atenção sobre a construção social dos sexos, sobre a produção do feminino e do masculino, não como algo dado e pronto no momento do nascimento, mas como um processo que se dá ao longo de toda a vida e vai fazendo com que as pessoas, os sujeitos, se tornem homens e mulheres de formas muito diversificadas, sempre de acordo com o que aquela sociedade, aquele momento histórico, a sua cultura, as suas relações étnicas, religiosas, de classe consideram, permitem e possibilitam. (CONFORTIN, 2003, p.109)

Assim, a representação da mulher enquanto gênero feminino está ligada à sua história e aos diversos acontecimentos sociais que os determinaram. Ao investigar o passado observaremos que de uma forma geral a mulher sempre viveu uma subordinação à dominância masculina e quase não aparece na história, não que não tivesse sido importante para a mesma, mas principalmente por esse estado de subordinação que eleva o homem a categoria de ser superior à mulher.

Antes de discorrermos sobre a história das mulheres e os fatores que no decorrer do tempo configuraram o gênero feminino, faz-se relevante identificar o conceito de identidade e como o mesmo é construído. No contexto desse trabalho a compreensão do conceito de identidade é um fator imprescindível para compreender a representação da mulher.

A identidade é formada ao longo da história, é construída pelo próprio indivíduo e pela coletividade, para Bourdieu (1983) ela se constitui numa dialética de

intenções, aspirações, objetivos interiores ao sujeito e condições materiais de existência, características de um grupo social exteriores ao mesmo.

Compreendendo que a constituição da identidade passa pelo processo histórico, existe então uma associação entre a identidade e a História enquanto ciência do passado e que por vezes a naturaliza e legitima, conforme Guimarães (2004):

A associação entre História e Identidade sempre esteve presente, num procedimento em que muitas das vezes estas identidades foram como que naturalizadas e a História serviu de respaldo e legitimação para encontrar em tempos remotos as provas necessárias que pudessem sustentar uma memória acerca de identidades. (p.56)

Pensar na identidade da mulher pressupõe primeiro compreender as características que a configurou e para tanto se torna importante recuperar sua história individual dentro da sociedade coletiva, segundo Bourdieu (1983, p. 80-81) “desde que a história do indivíduo nunca é mais que uma certa especificação da história coletiva do seu grupo ou de sua classe, podemos ver num grupo as diferenças entre as trajetórias e as posições fora ou dentro do grupo”.

Vários autores no campo principalmente da psicologia e da sociologia irão discutir a questão da identidade, tomaremos aqui a teoria de Stuart Hall, teórico das ciências sociais, cuja contribuição especialmente com os *estudos culturais* é muito relevante para a área da sociologia. Possui uma obra importante para a compreensão da identidade com a qual comungamos para as discussões realizadas nesse trabalho.

Hall (2006), apresenta três conceitos de identidade que se relacionam às construções realizadas pelo sujeito individual (ser em si) e social (ser sociológico, que faz em sociedade) ao longo da história.

A primeira é a **identidade do sujeito do Iluminismo**, que apresenta uma visão individualista centrada no sujeito, prevalecendo a capacidade de razão e de consciência, nesse sentido o sujeito possui um núcleo interior que emerge no nascimento e prevalece ao longo de todo seu desenvolvimento da mesma maneira e de forma linear e quase que meramente biológica.

O segundo conceito é a **identidade do sujeito sociológico**, que leva em consideração a complexidade do mundo moderno, reconhece que o núcleo interior

do sujeito é constituído na relação com outras pessoas a partir de uma mediação cultural, nessa perspectiva o sujeito se constitui e constitui a sua identidade na interação com a sociedade, em um diálogo contínuo com o ser individual (biológico) que ainda existe, mas se constrói a partir das relações com o mundo social e sua cultura.

O terceiro conceito apresentado por Hall (2006) é a concepção de **identidade do sujeito pós-moderno**, que não tem uma identidade estável e permanente, e sim transformada continuamente, sofrendo a influência das formas como é representado ou interpretado nos e pelos diferentes sistemas culturais.

O sujeito pós-moderno as questões históricas e não biológicas são predominantes, e o sujeito adere a identidades diversas em diferentes contextos. Por ele é caracterizado pela mudança e pela diferença:

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida. Ela se tornou politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença. (HALL, 2006, p.23)

Assim as identidades são sólidas, o que segundo Hall (2006), tem características positivas, pois se, de um lado, desestabiliza identidades estáveis do passado, de outro, abre-se a possibilidade de desenvolvimento de novos sujeitos, nesse sentido compreendemos que no ensino de História é fundamental romper com os estigmas passados e superá-los ajudando da construção de novas identidades, livres de preconceitos e estereótipos.

Nesse contexto o livro didático deverá ser um facilitador e contribuir com o processo de ressignificação da identidade feminina construída ao longo da história.

## 2.2 A HISTÓRIA DAS MULHERES E A HISTORIOGRAFIA

A ciência histórica e o fazer historiográfico passaram por diversas transformações ao longo do tempo, inicialmente a História era construída a partir da concepção teórica positivista que previa a história dos grandes homens e das grandes civilizações, se preocupava apenas com a narrativa dos grandes

acontecimentos, a pesquisa era baseada em fontes documentais restritas como os documentos oficiais, objetivando em suas análises métodos mais rigorosos e tendo por base as ciências naturais que nesse contexto tardiamente se apropriou da história das mulheres enquanto categoria analítica:

Nas ciências humanas, a disciplina História é certamente a que mais tardiamente apropriou-se dessa categoria, assim como da própria inclusão de 'mulher' ou de 'mulheres' como categoria analítica na pesquisa histórica. A trajetória, costumeiramente 'cautelosa', dessa disciplina, e o domínio do campo por determinadas perspectivas de abordagem, retardaram significativamente o avanço das discussões. Grande parte desse retardo se deveu ao caráter universal atribuído ao sujeito da história, representado pela categoria 'homem'. Acreditava-se que, ao falar dos homens, as mulheres estariam sendo, igualmente, contempladas, o que não correspondia à realidade. Mas, também, não eram todos os homens que estavam representados nesse termo: via de regra, era o homem branco ocidental. (SOIHET, PEDRO, 2007, p. 284)

Em contraposição à História positivista tradicional, podemos citar o marxismo, a História das mentalidades e a *Nova História Cultural*, termo que utilizaremos considerando as três gerações do movimento iniciado com o nome *Les Annales*. Essa última se interessa por todas as atividades humanas considerando que a realidade é socioculturalmente construída pelo homem.

A Nova História Cultural foi a concepção teórica que orientou esse trabalho, em especial o mapeamento e análise dos livros didáticos tomados aqui como fonte de pesquisa. Ela se diferencia da História tradicional em vários aspectos, mas principalmente pela quebra dos paradigmas instituídos pela mesma, se preocupa com a análise das estruturas e das mudanças sociais, inserindo a visão de "baixo", ou seja, traz para a história as pessoas "comuns", as minorias e os grupos sociais até então excluídos, e é nesse contexto que podemos situar a historiografia das mulheres.

O desenvolvimento de novos campos tais como a história das mentalidades e a história cultural reforça o avanço na abordagem do feminino. Apoiam-se em outras disciplinas – tais como a literatura, a linguística, a psicanálise e, principalmente, a antropologia –, com o intuito de desvendar as diversas dimensões desse objeto. Assim, a interdisciplinaridade assume importância crescente nos estudos sobre as mulheres. Dessa forma, as transformações na historiografia, articuladas à explosão do feminismo, a partir de fins da década de 1960, tiveram papel decisivo no processo em que as mulheres são

alçadas à condição de objeto e sujeito da História, marcando a emergência da História das Mulheres. (SOIHET, PEDRO, 2007, p. 285)

Nesse mesmo período diversos estudos serão realizados a cerca dessa questão e a mulher começa a ser foco de discussão na historiografia, assim:

Historiadores empenharam-se em estabelecer relações entre as experiências femininas e as vivências de classe e/ou étnicas e entre as classes e/ou os grupos étnicos. Certos trabalhos apresentaram as mulheres atuando na história da mesma forma que os homens. Outros, por sua vez, revelaram possibilidades diferenciadas das experiências femininas. (PINSKY, 2011, p. 07)

Cabe destacar novamente que a história das mulheres é marcada pela condição imposta ao sexo feminino pelos homens, além é claro da sua luta por direitos iguais e isso tem uma relevância importante na construção da sua identidade. Na década de 1970 a história das mulheres ganha expressividade inspirada nos questionamentos feministas e nas mudanças que ocorriam na historiografia, entre as quais a ênfase em temas até então excluídos pela história tradicional:

As pesquisadoras feministas assinalaram muito cedo que o estudo das mulheres acrescentaria não só novos temas como também iria impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente. “Aprendemos”, escreviam três historiadoras feministas, “que inscrever as mulheres na história implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais do que é historicamente importante, para incluir tanto a experiência pessoal e subjetiva quanto as atividades públicas e políticas. Não é exagerado dizer que por mais hesitante que sejam os princípios reais de hoje, tal metodologia implica não só em uma nova história das mulheres, mas em uma nova história”. (SCOTT, 1989, p. 04)

Falar da mulher na história e compreender os fatores que compuseram a sua identidade pressupõe compreender as questões que a cercaram e que permeiam a sua história. Por isso apresentamos no item anterior o conceito de gênero feminino e de identidade bem como as questões sociais inerentes à sua construção e constituição, para que pudéssemos compreender que a identidade da mulher foi

construída em um tempo passado que por sua vez é “explicado” pela História no presente.

A partir das mudanças metodológicas e teóricas do fazer histórico, a mulher torna-se um sujeito importante para a História e por isso tornou-se essencial que o ensino de história a contemplasse. Sabendo que os livros didáticos são um instrumento importante para tanto, essa pesquisa torna-se essencial, comungamos com Pinsky, (2011, p.09) quando nos diz que “não basta acrescentar a mulher nos livros de história é preciso repensar o próprio saber histórico”, conforme já indicamos.

E os livros didáticos de história? No revelam uma nova história sobre as mulheres e uma nova representação de sua identidade? Ou ainda conserva a história da humanidade representada apenas pelo paradigma do homem?

Compreensão como de extrema relevância a necessidade de se romper com império da dominância masculina e a representação das experiências masculinas como sendo únicas e quase absolutas na história da humanidade.

### 2.3 O LIVRO DIDÁTICO COMO INSTRUMENTO IDEOLÓGICO E DE CONSTRUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES

O homem se humaniza e se torna homem nas relações sociais que estabelece com os seus pares (outros seres humanos) ao longo da sua história de vida nos processos de socialização entendidos aqui como a forma que o indivíduo adapta ao meio em que vive ao mesmo tempo em que é transformado por esse meio, Oliveira (2002, p. 126), nos dirá que “ao mesmo tempo em que a criança modifica seu meio, é modificada por ele”. Assim a socialização é a construção de saberes onde o ser humano desde criança é formado pelo meio em que se desenvolve ao mesmo tempo também o transforma.

A família é a primeira instituição social na qual o bebê por meio da interação social e dos processos educativos não formais vindo de seus tutores começa a se humanizar, porém a família não é o único ambiente em que a criança se desenvolve:

O desenvolvimento humano não decorre da ação isolada de fatores genéticos que buscam condições para o seu amadurecimento nem de fatores ambientais que agem sobre o organismo, controlando seu comportamento. Decorre antes, das trocas recíprocas que se estabelecem durante toda a vida entre organismos vivos, o humano

inscreve-se em uma linha de desenvolvimento condicionada tanto pelo equipamento biocomportamental da espécie quanto pela operação de mecanismos gerais de interação com o meio (OLIVEIRA, 2002, p 126).

Nesse contexto temos a instituição escolar como sendo essencial, pois ela é um espaço essencialmente educativo cuja função principal é socializar o conhecimento científico historicamente construído pela humanidade, e por isso, tem propriedade de desenvolver no aluno a capacidade de compreender o mundo em que vive e as relações estabelecidas entre os homens.

Na escola o aluno conhece as diferentes formas de vida e as diferentes “verdades” para a compreensão delas, por tudo isso ela contribui significativamente para a educação, e, portanto, humanização do homem.

O conhecimento científico é organizado na escola pelas disciplinas escolares concebidas aqui às luzes Chervel (1990), o mesmo nos revela que as disciplinas escolares devem ser estudadas historicamente, contextualizando o papel exercido pela escola em cada momento, tendo em vista que as disciplinas escolares são entidades epistemológicas relativamente autônomas, por isso, devem superar legitimações exteriores à escola inserindo o conhecimento produzido pela própria disciplina no interior da escola.

Assim, falar em disciplinas escolares nos remete a pensar em muito mais do que apenas amontoados de conteúdos e currículos advindos da burocracia do sistema, elas devem estar contextualizadas com o momento histórico em que a escola se situa e devem principalmente superar os paradigmas estabelecidos do seio da sociedade por meio do saber científico.

A disciplina de história nesse contexto, segundo Prats, (2001) oferece um marco de referência para entender os problemas sociais, situar a importância dos acontecimentos diários, para a utilização crítica da informação e assim viver com plena consciência crítica e cidadã.

Trabalhar com o passado permite potencializar nas crianças e adolescentes um sentido de identidade o que significa ter consciência das suas origens contribuindo assim para a compreensão do mundo em que vive ao qual já nos referimos anteriormente.

A disciplina de história deve mobilizar, nesse sentido, uma melhor compreensão do diferente, o que equivale a falar também das diferenças, não

impondo aos alunos nesse sentido uma cultura modelo, nem uniforme no âmbito planetário, mas sim uma sociedade diversa culturalmente, trata ainda das diferenças étnicas e de gênero de forma a identificar a diversidade humana.

Nesse contexto temos a questão das identidades étnicas, compreendemos que é também papel da história compreender os conceitos e a firma que foram construídas ao longo do tempo por meio das as diferentes culturas existentes em na humanidade desmistificando os preconceitos existentes, os estereótipos e paradigmas construídos historicamente.

Como metodologia de ensino nas escolas temos os livros didáticos figuram como maiores protagonistas, sendo um recurso metodológico unanime entre os professores:

Os livros didáticos, os mais usados instrumentos de trabalho integrante da “tradição escolar” de professores e alunos, fazem parte do cotidiano escolar há pelo menos dois séculos. Trata-se de objeto cultural de difícil definição, mas, pela familiaridade de uso é possível identificá-lo, diferenciando-o de outros livros. (BITTENCOURT, 2008, p. 299)

Mesmo sendo tão utilizado o livro didático não é algo fácil de definir e de analisar, mesmo que sua definição seja fácil diante de suas características únicas e específicas:

Trata-se de objeto cultural de difícil definição, por ser obra bastante complexa que se caracteriza pela interferência de vários sujeitos em sua produção, circulação e consumo. Possui ou pode assumir funções diferentes, dependendo das condições, do lugar e do momento em que é produzido e utilizado nas diferentes situações escolares. É um objeto de “múltiplas facetas”, e para a sua elaboração e uso existem muitas interferências [...] constitui também um suporte de conhecimentos escolares propostos para currículos educacionais. Essa característica faz com que o Estado esteja sempre presente na existência do livro didático. (BITTENCOURT, 2008, p. 301).

Assim como o livro didático se configura em uma obra bastante complexa assumindo diferentes funções, também os conteúdos nele produzidos conduzem a uma determinada representação diante da sua apresentação seja em forma de texto ou de imagens.

Tal representação social se configura diante das várias questões que envolvem o livro didático, conforme apresentamos na introdução deste trabalho o livro didático é um importante veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura que geralmente se referem à cultura dominante burguesa e branca.

Dentre tais aspectos gostaríamos de destacar alguns fatores que julgamos essenciais e que elucidaram as nossas análises: em primeiro lugar o livro didático é um dos instrumentos pertencentes à cultura escolar, isso significa que ele é algo próprio da escola, é produzido para ser utilizado no interior da escola, cabe destacar também que a produção da literatura didática tem sido alvo de preocupações governamentais, em especial os de história:

Os livros de História, particularmente, têm sido vigiados tanto por órgãos nacionais como internacionais, sobretudo após o fim da Segunda Guerra Mundial [...] As críticas em relação aos livros didáticos apontam para muitas das suas deficiências de conteúdos, suas lacunas e erros conceituais ou informativos. No entanto, o problema de tais análises reside na concepção de que seja possível existir um livro didático ideal, uma obra capaz de solucionar todos os problemas do ensino, um substituto do trabalho do professor.(BITTENCOURT, 2008, p. 300)

Longe de ser um substituto do professor e mais longe ainda por melhor que seja de ser ideal, o livro didático possui muitas limitações, essas estão relacionadas a diversos fatores, podemos citar como sendo o primeiro deles o desconhecimento dos fatores que o configuram fazendo que ele possua várias faces às quais cabem ser analisadas.

O livro didático é segundo Bittencourt (2008, p.301) “um produto cultural fabricado por técnicos que dominam os seus aspectos materiais”, por esse motivo ele é antes de qualquer coisa uma mercadoria comercializável e altamente lucrável, tendo em vista os milhões que são investidos por ano especialmente no Brasil em livros didáticos, assim o mesmo faz parte da indústria cultural da lógica capitalista.

Sendo o livro um instrumento que dá suporte aos conhecimentos escolares propostos pelos currículos educacionais, o Estado faz-se sempre presente no que se ensina no interior da escola, com essa consideração, é necessário que consideremos a manipulação de interesses à qual a produção livro didático está vinculada.

A característica dos livros didáticos mais cara a essa pesquisa é que ele é um “veículo de um sistema de valores, de ideologia de uma cultura de determinada época e de determinada sociedade” (BITTENCOURT, 2008, p. 302).

Os valores e ideologias apresentados implícita ou explicitamente nos livros didáticos muitas vezes representam um determinado paradigma historicamente construído. Compreendemos nesse sentido que o livro didático muito contribui para a construção de compreensões a cerca dos elementos sociais entre os quais podemos citar o papel que a mulher desenvolveu na humanidade e a representação social da identidade feminina ao longo da história.

O questionamento que move essa pesquisa é: de que forma o livro didático aborda a mulher na história da humanidade e qual representação da identidade feminina ele ajuda a construir?

As representações sociais segundo Moscovici (2003) constituem-se no senso comum dos indivíduos, elaborado a partir de imagens, crenças, mitos e ideologias, assim torna-se fundamental saber como as representações sociais são construídas, uma vez que a sua função é também contribuir para os processos de formação de condutas sociais.

Indicamos neste trabalho as lacunas existentes a cerca da presença e papel da mulher nas abordagens históricas, especialmente as das grandes civilizações, o interesse surge haja visto que as lembranças educacionais não remetem a um “ensino sobre a histórias das mulheres”, sempre se falou da história dos grandes homens, mas e quanto as mulheres? A impressão é de que elas não fizeram parte da história.

Também foi de nosso interesse perceber quando existente qual o discurso produzido sobre a questão da mulher? Sobre isso Bittencourt (2008, p.305), irá nos dizer que “os discursos nos textos didáticos também tem sido analisados, sobretudo para identificar a manutenção dos grupos étnicos” e nos entendemos que também os de gênero.

Para as análises que fizemos dos livros didáticos desta pesquisa consideramos que:

Para uma análise dos livros didáticos de História, além da identificação dos valores e da ideologia que necessariamente é portador, é preciso estar atento à outros três aspectos básicos que

dele fazem parte: sua forma, o conteúdo histórico escolar e o seu conteúdo pedagógico (BITTENCOURT, 2008 p. 311)

Sua forma se refere às questões que envolvem a sua produção como a comercialização já explicitada, o conteúdo histórico escolar nos remete a questão curriculares e ao controle governamental a que são submetidas e por último o seu conteúdo pedagógico, ou seja, as atividades e ou exercícios que são propostos para a confirmação e legitimação dos valores e ideologias.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia de pesquisa utilizada na realização do presente estudo foi a análise de conteúdo que conforme Severino (2000), é aquela em que pretende-se tratar e analisar as informações textuais constantes no objeto de pesquisa no caso os livros didáticos buscando uma compreensão crítica dos conteúdos postos a luz dos objetivos que regeram a pesquisa.

Além da análise dos textos também analisamos as imagens constantes no livro que tangem aos conteúdos históricos que se referem à mulher e que ajudam na construção da representação da sua identidade.

Consideramos a análise de imagens “como exercícios do ver” (BARBERO, 2001 p.38), a partir dessa perspectiva de pesquisa e análise faz-se fundamental realizar reflexões sobre a imagem considerando a leitura, interpretação e síntese das questões observadas.

Tal procedimento metodológico exige rigor e empenho, levando em conta a produção e contexto dos textos e imagens analisadas já que a linguagem seja textual ou visual não pode ser considerada como um mero código mecânico, não devendo portanto ser analisada com uma visão mecanicista já que levaria a uma produção discursiva acrítica e limitada.

Assim, compreendemos que a análise de conteúdo não pode ser realizada sem considerar de seu contexto sócio-histórico, isto porque traz em si os valores e a história social de quem a produziu.

#### 3.1 FONTE DE PESQUISA

Para realização desta pesquisa utilizamos o livro didático público de História do ensino médio do estado do Paraná de volume único, escolhido especialmente por sua organização e seu processo de produção.

A referente etapa da educação básica, foi escolhida após análise das diretrizes curriculares da disciplina de História e a partir da identificação dos conteúdos que contemplariam a história da mulher.

### 3.2 TIPO DE PESQUISA

O tipo de pesquisa que utilizado nesse estudo foi a documental tendo em vista que o livro didático foi tomado enquanto documento e fonte de pesquisa e não como referência bibliográfica.

Sua importância está na própria utilização do documento enquanto fonte de pesquisa, compreendendo os livros didáticos tomados aqui como documento ideológico sendo assim não basta ter acesso a eles é preciso analisá-los e interpretá-los e despi-los dos dados postos *a priori*:

No limite, não existe documento verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer papel de ingênuo. Os medievalistas, que tanto trabalharam para construir uma crítica – sempre útil decerto – do falso, devem superar esta problemática, porque qualquer documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro – incluindo talvez sobre tudo os falsos – e falso, porque um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir essa montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos. (LE GOFF, 2003, p.538)

Tendo em vista trata-se de uma pesquisa histórica o nascimento da Nova História Cultural surgida a partir do movimento Les Annales, citado anteriormente, que busca construir uma teoria que se contrapõe aos procedimentos da História Tradicional, o documento passa a ter um valor diferente, nessa perspectiva acredita-se que o documento no caso o livro didático traz uma carga ideológica, não basta ter acesso aos documentos para garantir a construção do que se ensina na disciplina de história sobre as mulheres.

### 3.3 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram analisados com base na teoria da *análise de conteúdo* que conforme Severino (2000, p.121), “é aquela em pretende-se tratar e analisar as informações textuais constantes no objeto de pesquisa”, buscando uma compreensão crítica dos conteúdos postos a luz dos objetivos propostos para a pesquisa.

Assim, o procedimento de análise exigiu rigor, levando em conta a produção e contexto dos textos e imagens selecionadas para análise já que a linguagem seja

textual ou visual não pode ser considerada como um mero código mecânico, sendo analisada portanto com uma visão mecanicista já que essa levaria a uma produção discursiva acrítica e limitada.

A análise de conteúdo configurou dois momentos essenciais: em um primeiro momento os conteúdos dos livros didáticos foram identificados e em segundo momento analisados tendo como procedimento a “decodificação dos significados postos na mensagem com base em elementos da semiótica (análise dos significados e significantes) e técnicas de mediação”. (SEVERINO, 2000 p.40)

Destacamos que para essa pesquisa apenas selecionaremos e analisaremos os conteúdos específicos que contribuem com a representação da identidade feminina.

## **4 RESULTADOS DA DISCUSSÃO**

### **4.1 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO LIVRO DIDÁTICO PÚBLICO DE HISTÓRIA DO ESTADO DO PARANÁ**

A questão de gênero está fortemente representada na sociedade, por meio de vários canais de comunicação a todo tempo representações são construídas principalmente em bases de padrões e estereótipos que conferem uma determinada identidade à mulher.

Historicamente a mulher foi considerada em várias sociedades como um ser inferior ao homem, o que pode ser a explicação para o gênero feminino ter se configurado como um “grupo social” minoritário o que a exclui da escrita da história da humanidade, como já indicamos a história da humanidade é representada e apresentada de uma forma geral como a história dos homens.

Nesse contexto observar e analisar o que se fala sobre a mulher no ensino de história e a representação ou representações da mesma construída (s) a partir disso é extremamente importante.

As análises da representação, ou representações da mulher enquanto gênero feminino foi construída por meio dos conteúdos, textos e imagens que discorrem sobre a mulher. Assim, faz-se num primeiro momento na apresentação dos resultados da discussão, indicar a compreensão de que as representações:

São, formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos — imagens, conceitos, categorias, teorias —, mas que não se reduzem jamais aos componentes cognitivos. Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, que possibilita a comunicação. Deste modo, as representações são, essencialmente, fenômenos sociais que, mesmo acessados a partir do seu conteúdo cognitivo, têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção. Ou seja, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam. (SPINK, 1993, p. 300)

Nesse sentido, as representações são formas de conhecimento construídas pelo esquema cognitivo humano a partir do contato com imagens, conceitos e/ ou outras formas de comunicação elaboradas socialmente. Isso significa que as representações não existem por si mesmas, ao contrário são uma construção social e por tanto históricas de uma determinada questão a exemplo da questão de gênero e identidade feminina, que por sua vez carregam uma simbologia e ideologia.

O livro didático enquanto instrumento metodológico e ideológico ajuda a construir uma representação da mulher por meio de como a apresenta nos conteúdos que carrega e também pela forma como apresenta tais conteúdos. Selecionamos para análise o livro didático público de História do estado do Paraná, e o que determinou a escolha foi a ideologia proposta na construção do livro conforme a indicaremos ao longo das análises realizadas.

Quando se fala em utilizar os livros didáticos como fonte de pesquisa é preciso compreender que “existe a tendência de identificar as lacunas relativas a determinados temas ou sujeitos históricos” (BITTENCOURT, 2008, P. 304), no caso dessa pesquisa a questão da mulher.

Ao realizar a análise dos livros didáticos a partir dos seus aspectos básicos (forma, conteúdo histórico e conteúdo pedagógico) consideramos diversos elementos que auxiliaram na análise de conteúdo que propomos, primeiramente sobre a *forma* dos livros observamos que:

As primeiras páginas possibilitam uma visão do processo de sua fabricação, com a apresentação dos agentes que participaram da sua confecção [...] Essa materialidade é importante para que se possa compreender o conjunto de sujeitos que interferem na obra e como essa interferência influencia na leitura do texto, incluindo a forma pela qual a página apresenta as informações. (BITTENCOURT, 2008, p. 312)

Inicialmente realizou-se uma contextualização que nos remete a compreender a ideologia que contribuiu para a escrita do livro, posto que isso é determinante na forma como os *conteúdos* são apresentados. Para a análise desses consideramos que:

O conhecimento produzido pelo livro didático é categórico, característica perceptível pelo discurso unitário e simplificado que se reproduz, sem possibilidade de ser contestado, como afirmam vários de seus críticos. Trata-se de textos que são de difícil contestação ou confronto, pois expressam “uma verdade” de maneira bastante impositiva. (BITTENCOURT, 2008, p.313)

A partir da perspectiva tradicional de História os conteúdos são socializados como verdades absolutas incontestáveis e nesse sentido o processo de ensino e aprendizagem condiciona o aluno a observar e interiorizar por meio da memorização as informações e ou conhecimentos construídas nos livros didáticos de forma acrítica e incontestável:

Seleção de atividades apresentadas e sua ordenação durante o texto não são aleatórias e requerem uma análise específica, para se perceber a coerência do autor em sua proposta de fornecer condições de uma aprendizagem que não limite a memorização de determinados acontecimentos ou fatos históricos, mas permita o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais. (BITTENCOURT, 2008, p. 315)

A partir de todas essas questões apresentamos as análises realizadas a partir da identificação e descrição dos conteúdos históricos que contemplem a mulher.

## 4.2 UM LIVRO DIDÁTICO CRÍTICO

O livro didático do ensino médio de volume único de História, produzido pelo estado do Paraná é um livro construído coletivamente a partir da participação de professores do estado todo.

Uma construção coletiva pressupõe, nesse sentido, a contemplação de uma multiplicidade de ideias e a alteridade de concepções.

O livro é apresentado aos alunos e aos professores como o livro de ensinar e a aprender cuja concepção é de que:

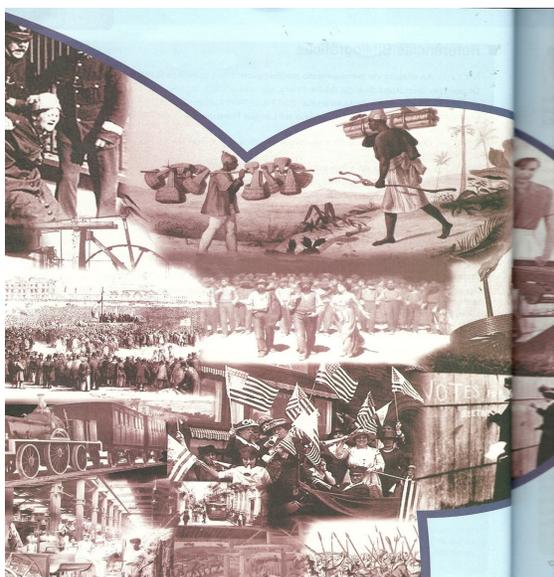
o livro didático não é uma mercadoria e o conhecimento produzido pela humanidade não pode ser apropriado particularmente, mediante exibição de títulos provados, leis de papel mal escritas, feitas para proteger os vendilhões de um mercado editorial absurdamente concentrado e elitista” (SEED, 2006).

Compreendemos assim que o principal objetivo que se pretende alcançar com o presente livro é o estudo do conhecimento que é apresentado em quatro perspectivas: científico, filosófico, artístico e a dimensão histórica estabelecendo para tanto as relações de trabalho, poder e culturais existentes na sociedade.

A orientação curricular do estado do Paraná é de que o ensino de História seja feito por eixos temáticos e é assim que os conteúdos de dessa disciplina são apresentados.

A primeira identificação de conteúdos que retratam a mulher na história foi uma Imagem de uma página e meia a mesma abre um capítulo intitulado “Relações de Trabalho: o mundo do trabalho em diferentes sociedades” (Figura 1). Nesse capítulo o objetivo foi discutir as relações de trabalho nas grandes civilizações históricas como, por exemplo, Incas, Maias, Roma e Astecas.

Nos textos sobre o tema a mulher não aparece em nenhum deles.



**Figura 1-** As relações de trabalho nas diversas sociedades

**Fonte:** SEED. Diversos Autores. Livro Público de História-Ensino Médio. Curitiba, 2006.

A imagem na cor sépia é uma montagem que se utiliza de diversas imagens, por isso contempla faces de mulheres trabalhadoras em diversas situações ao longo da história.

A primeira que aparece no canto superior esquerdo é de uma mulher sendo presa em aparente situação de sofrimento e resistência. No centro da imagem um grupo de mulheres americanas em uma manifestação pelo voto e por último uma imagem tipicamente feminina vestindo saias e touca aparece concentradamente manuseando um tear.

Ao analisar a imagem é possível perceber que o olhar está voltado para uma múltipla representação da mulher, porém o que sobressai é a mulher em situação de luta e resistência, demonstrando que os autores do livro reconhecem essa questão, no entanto, nos textos diversos ao longo do capítulo, nem uma linha sequer é escrita sobre o trabalho feminino nas sociedades discutidas.

A mesma montagem de imagens aparece os capítulos seguintes 3, 4, 5, 7.

No capítulo 03 intitulado “Relações de Trabalho: o trabalho assalariado”, a mulher enquanto trabalhadora aparece duas vezes, primeiro em uma das imagens da montagem da capa, onde uma mulher opera um tear que está posta para a discussão do trabalho assalariado, conforme a Figura 2.



**Figura 2-** A mulher e o trabalho Assalariado<sup>1</sup>

**Fonte:** SEED. Diversos Autores. Livro Público de História-Ensino Médio. Curitiba, 2006.

---

<sup>1</sup> A legenda original do livro é : Máquina de fiar de Hargreaves

A foto em preto e branco traz em sua legenda explicativa apenas o nome e a marca da fábrica da máquina de fiar, demonstrando assim a insensibilidade dos escritores ao não discutir e problematizar o que aquela imagem da mulher trabalhando representa sobre a identidade feminina, no momento histórico em que foi construída.

Diante de tal apresentação da imagem, observamos que a presença da mulher é anulada pelos autores do livro, representando assim a sua invisibilidade social.

É possível de forma crítica observar a imagem e compreender que a mulher exercia um trabalho assalariado, porém não há uma problematização a cerca dessa questão diante da apresentação da imagem.

No mesmo capítulo páginas adiante os autores apresentam um tópico sobre “trabalho feminino”, no texto o eles indicam que o trabalho feminino é objeto de estudo para muitos historiadores e que “a mulher foi se incorporando ao mercado de trabalho externo sem desobrigar-se, no entanto, de suas funções no “lar”. (SEED, 2006, p.67, grifos dos autores).

Foi a mulher que SE inseriu no mercado de trabalho? Foi ela, somente ela que não se desobrigou das tarefas domésticas?

Esse trecho não permite que os alunos compreendam que a inserção da mulher no mercado de trabalho fez parte do contexto social histórico em que viviam, e que esse processo não foi passional e tão pouco por escolha das mulheres, e sim imposto de forma violenta pelas necessidades capitalistas da época.

Também não foi a mulher que agregou para si a condição de responsável pelas tarefas do lar, essa questão também lhe foi imposta socialmente e inclusive é um elemento importante para a compreensão da sua identidade feminina, cuja representação está posta subliminarmente no contexto em que essa imagem é apresentada.

Assim esse pequeno trecho sobre o trabalho da mulher na história, reafirma o condição feminina de submissão e de representação de que o seu papel social é também (além do trabalho assalariado) cuidar do lar.

O capítulo 4 “Relações de Trabalho: transição do trabalho escravo para o trabalho livre” discute o trabalho escravo no Brasil e nos Estados Unidos. Sabemos que durante os séculos de escravidão no Brasil durante o período colonial a mulher negra sofreu muito além da escravidão física. Ela era objeto sexual de seus

senhores entre tantas outras escravidões que lhe eram atribuídas, mas nenhuma dessas questões é discutida pelo livro didático, as imagens que aparecem nesse capítulo sempre são de escravos homens.

Assim mais uma vez a mulher se faz invisível aos olhos da História.

Nos capítulos seguintes (5 e 8), duas imagens históricas de mulheres trabalhadoras são apresentadas sem realizar nenhuma problematização ou mesmo contextualização do trabalho feminino.

A primeira é do trabalho em uma mina no século XX, (Figura 3) e a outra é uma imagem de das mulheres trabalhadoras nas lavouras em 1857 (Figura4).



**Figura 3-** Trabalho feminino na mina de Morro Velho<sup>2</sup>

**Fonte:** SEED. Diversos Autores. Livro Público de História-Ensino Médio. Curitiba, 2006.

---

<sup>2</sup> Legenda original: Trabalho feminino na Mina de Morro Velho. Reprodução fotográfica. Acervo Centro de Memória.



**Figura 4-** As Respigadeiras<sup>3</sup>

**Fonte:** SEED. Diversos Autores. Livro Público de História-Ensino Médio. Curitiba, 2006.

Qual era situação trabalhista das mulheres no século XX e no século XIX? Os livros apresentam as imagens, porém não propõe nenhuma discussão a respeito.

Até o capítulo 15, a mulher não aparece em mais nenhum momento histórico trabalhado no livro didático, nem em imagem e nem nos textos apresentados para discussão.

No capítulo 16 intitulado “Relações culturais: relações de dominação e resistência na sociedade grega e romana na antiguidade: mulheres, plebeus e escravos”, pela primeira vez nas discussões realizadas no livro todo, a questão da mulher enquanto gênero feminino e a sua presença na história da humanidade é discutida pelos autores.

A proposta da discussão são as relações de resistência nas maiores civilizações da história: Grécia e Roma.

Se há resistência é porque houve a opressão, portanto os autores indicam a compressão de que ao longo da história a mulher foi sujeito de opressão.

O referido capítulo é iniciado com um texto intitulado “As mulheres na sociedade grega”, que diz que no século XII a.C. as mulheres eram veneradas pela sociedade e viviam em relativa igualdade de condições com os homens porém nos séculos seguintes em decorrência de alguns acontecimentos históricos as mulheres perderam espaço na sociedade e se estabeleceu uma relação de inferioridade em relação aos homens.

---

<sup>3</sup> Legenda Original: JEAN FRANÇOIS MILLET. **As Respigadeiras**, 1857, Óleo sobre tela, 84 x 111 cm. Museu d'Orsay, Paris.

As mulheres de Atenas não tinham participação política, eram tuteladas pelos homens (pai, marido, filho mais velho), não podiam circular em espaços públicos a não ser festas religiosas.

Também existiam as mulheres que eram submetidas ao concubinato em situação de prostituição, nesse contexto também existia as *hetairas*, que eram cortesãs de luxo, educadas para atender as necessidades do homem em relações extraconjugais.

As mulheres de Esparta tinham maior liberdade, sua principal função era gerar filhos fortes, para isso faziam ginástica com os maridos, também possuíam o direito à herança e influenciavam “fortemente” os maridos nas decisões da *pólis*.

O termo “influenciavam” utilizado para falar sobre as mulheres de Esparta e sua relação com seus maridos procedido da palavra “fortemente” induz o leitor a concluir que as mulheres *manipulavam* seus maridos, sendo que último termo “fortemente” é repleto de representações, é quase como dizer que a mulher era uma má influência para os homens atenienses.

Em linhas gerais, assim é apresentada a mulher grega no texto que limita-se a explicar de forma sucinta e pontual a sua condição na sociedade grega sem problematizar as questões apresentadas, como por exemplo, a prostituição das mulheres que eram abandonadas por suas família por diversos motivos.

Sobre as *hetairas* os autores concluem que elas estavam sempre a mercê da generosidade dos homens que a usavam, isso poderia ser considerado uma denuncia e uma crítica à situação das mulheres atenienses não fosse o relato da história da *hetaira* Neera ocorrido 371, a.C.

Apresentado em um box verde e em destaque, o relato descreve que Neera encontra um homem generoso que a protegera e formara com ela uma família, porém homem em questão não tinha ocupação e vivia das chantagens que fazia.

Nos questionamos diante dessa proposta se não há nenhum relato na história de uma *hetaira* que se casou com um homem da sociedade ou proprietários de terra? Não há nenhum relato que problematize o relato de Neera?

Compreendemos nesse sentido, que a forma como o relato da *hetaira* Neera foi proposto no livro didático reforça a concepção de que as mulheres cortesãs de luxo ou as prostitutas não são dignas de ser esposas dos grandes cidadãos, e que o destino que lhes é reservado, se sorte tiverem, é um “mau” homem generoso.

Após o relato de Neera, uma atividade sobre as mulheres gregas é proposta no livro didático, com base na música “Mulheres de Atenas” composta pelos cantores brasileiros Chico Buarque de Holanda e Augusto Boal em 1976, cuja letra apresentamos no Anexo 1.

Os autores da música querem chamar a atenção para a condição da mulher grega, ateniense e fazem diversas denúncias sobre a sua condição de vida em trechos como: Vivem pros seus maridos; Quando fustigadas não choram, se ajoelham, pedem imploram; E quando eles voltam (seus maridos da guerra) sedentos querem arrancar violentos carícias plenas, obscenas; Elas não têm gosto ou vontade, nem defeito, nem qualidade; As jovens viúvas marcadas e as gestantes abandonadas não fazem cenas vestem-se de negro, se encolhem se conformam têm medo apenas.

Os trechos evidenciam a opressão, violência e sofrimento da mulher ateniense que viveu para seus maridos ou seus homens e para satisfazer as suas necessidades e desejos, que são por isso, invisíveis enquanto sujeito, pois não tem vontade própria, nem sonhos próprios, vivem a mercê do domínio do homem ou da sua “generosidade”.

A música é comovente, uma poesia triste sobre a vida de confinamento e de escravidão da mulher grega por sua condição feminina, contudo, a atividade proposta para a música não conduz o aluno a tal reflexão.

A primeira tarefa é pesquisar no dicionário palavras na letra da música que não conhece o significado e a segunda é interpretar as partes que mais chamou a atenção na música, sem, no entanto direcionar a discussão indicando e problematizando a condição das mulheres gregas.

Seguido dessa atividade é proposto um conteúdo sobre a representação das mulheres na filosofia grega citando que a aristocracia patriarcal no período grego procurou reforçar a ideologia de que a mulher é “supostamente” inferior ao homem.

O temo supostamente é desnecessário, pois sabemos que a mulher não é inferior ao homem, havia a necessidade nessa discussão de afirmar e reafirmar que embora ela não seja inferior, a condição da mulher era de inferioridade ao homem, e também de submissão a ele, portanto a representação da mulher grega não está clara, ao contrário, uma leitura rápida pode induzir o leitor a concluir que a ideia de que a mulher grega era considerada inferior aos homens é uma suposição.

A seguir um texto teórico apresenta a representação da mulher grega nas artes, esclarecendo que a mulher grega foi retrata de forma lendária, nas personagens dos poemas de Homero. No texto é descrita a história de Helena esposa do rei de Esparta e de Penélope rei de Ítaca destacada por esperar seu marido por vinte anos.

Novamente uma representação contundente sobre a mulher é apresentada nesse capítulo, os autores iniciam e terminam o capítulo indicando que a mulher era venerada, quando na realidade as mulheres gregas foram mais humilhadas do que exaltadas. A forma com as duas representações são apresentadas não exprimem o real sofrimento das mulheres gregas em especial as atenienses.

Por fim é proposto uma atividade sobre de três imagens que representam a mulher grega na figura da Helena indicadas na Figura 5. A proposta era a partir do texto e das imagens descrever a representação das mulheres gregas na “antiguidade”, atividade, porém não direcionada os olhares dos alunos para o fato de que as representações são construídas em tempos históricos diferentes, portanto trata-se de representações do presente e não do passado.

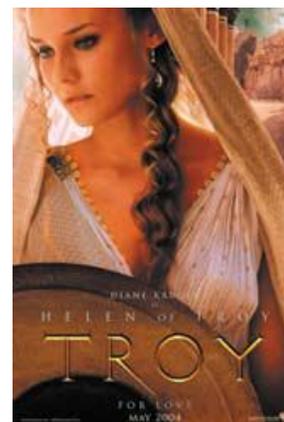
A atividade também limita a problematização a medida que seleciona apenas uma mulher (Helena, esposa do rei) para discutir a representação da mulher.



**Estátua grega de Helena** (século V a.C.)



EVELYN DE MORGAN (1850-1919). **Helena de Tróia**, 1898.



Pôster de Helena no filme **Troy**, em 2004. Tróia. EUA, 2004. Direção: Wolfgang

### **Figura 5-** Helenas

**Fonte:** SEED. Diversos Autores. Livro Público de História-Ensino Médio. Curitiba, 2006

Com essa atividade os autores encerram o conteúdo sobre a mulher grega e iniciam a abordagem da mulher romana, para tanto disponibilizam um texto teórico extenso, iniciado com a apresentação da mulher como uma esposa que administra a casa e é fiel “colaboradora” do marido (não influenciadora) ou então a mulher que não podia ou não queria ser mãe e que estudaria política e por isso seu caráter é relatado historicamente como heroico.

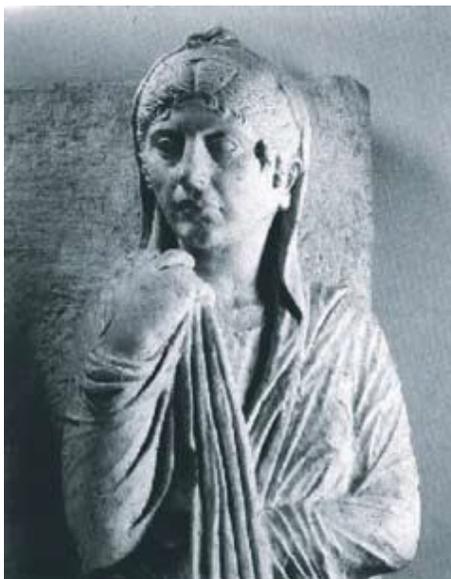
Após essa apresentação os autores indicam de uma forma superficial e limitada a situação de opressão que as mulheres romanas viveram, pois de alguma forma quase todas as mulheres estavam sob o poder de um homem, (pai, marido ou outro tutor), seguido disso relatam que a mulher romana lutou contra essa condição, primeiro quando passou a frequentar anfiteatro de luta de gladiadores com seus maridos, o que absolutamente não se configura como uma luta por igualdade.

Também indicam como forma de liberdade feminina o início do cristianismo quando Jesus Cristo pregou a igualdade entre homens, mulheres e crianças e as mulheres compreende que esse acontecimento foi uma forma de libertação através da elevação espiritual, mesmo assim as mulheres continuavam sob o domínio masculino.

Para esse conteúdo é disponibilizada a Imagem 6<sup>4</sup> que representa uma mulher coberta pelo véu imposto às mulheres romanas para lhes conferir honra e evitar atrair os olhares de homens, o que demonstra total submissão feminina a dominação masculina. Relatam ainda, que os maridos podiam se divorciar de mulheres que não usassem o véu em lugares públicos.

---

<sup>4</sup> Legenda original: Estela funerária em mármore; representa, em alto relevo, uma mulher com um véu. O porte de toda mulher honrada é aquele que apenas deixa ver o rosto. Em Roma e no Oriente grego a mulher, quando sai, ocasionalmente, fá-lo com a cabeça coberta por um véu ou por um manto, evitando atrair os olhares. Esta atitude significa para todos os homens que não podem aproximar-se dela, pois está protegida pela lei romana contra os agressores. No tempo da República este costume agudiza-se: os homens podem divorciar-se se a sua esposa sair com a cabeça descoberta. As prostitutas romanas são proibidas de usar o manto das matronas. Primeira época Imperial romana. Roma, Museu Capitolino.



**Figura 6-** Mulher romana coberta pelo véu

**Fonte:** SEED. Diversos Autores. Livro Público de História-Ensino Médio. Curitiba, 2006.

A atividade sobre esse conteúdo era escrever um texto sobre a representação da mulher romana a partir do texto estudado e da imagem “levando em consideração os seus valores culturais” naturalizando assim a condição de submissão da mulher romana a uma construção cultural e, portanto aceitável.

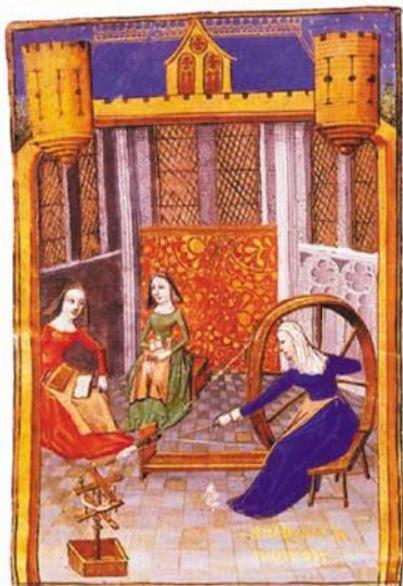
No capítulo 17 intitulado “Relações culturais: Relações de dominação e resistência na sociedade medieval europeia”, os autores trarão um item sobre as mulheres na idade média. Em um texto de uma página os autores retratarão a vida da mulher na idade média relatando as relações de dominação que as mesmas sofreram nesse período por estarem submetidas à autoridade do pai e terem como destino certo o casamento com um marido escolhido pelo pai ou num acordo de negócios.

Os autores relatam que a mulher pobre trabalhava na lavoura ou nas oficinas de artesãos, já as mulheres nobres eram educadas para o matrimônio e para serem mães. Tudo sob o suporte ideológico da Igreja Católica, pois a mesma considerava a mulher como responsável pelas desgraças ocorridas na sociedade.

Como apoio ao texto os autores trazem um fragmento do conto de Yvain, de Chrétien de Troyes escrito em 1180 e ainda uma imagem das fiandeiras de seda.

Até aqui esse é o texto mais crítico apresentado no livro didático sobre a mulher, pois discute a sua realidade de submissão com um texto claro e recursos

didáticos que por si mesmos indicam a condição de submissão da mulher, primeiro pelo conto onde as mulheres relatam o sofrimento de sua rotina de trabalho ao mesmo tempo em que não podem possuir aquilo que produzem, seguido de uma imagem das mulheres em situação de trabalho.



**Figura 7-** Fiandeiras de seda

**Fonte:** SEED. Diversos Autores. Livro Público de História-Ensino Médio. Curitiba, 2006.

No capítulo 19 intitulado “Relações de poder: relações de dominação e resistência no mundo do trabalho nos séculos XVIII e XIX” os autores contemplam um tópico que não encontramos nos livros que estudamos para selecionar o seria utilizado para as análises dessa pesquisa, pois de uma forma geral a presença da mulher nos livros didáticos de história é praticamente nula.

O tópico é intitulado “Manifestações femininas: a busca da cidadania”, nesse item os autores relatam que a mulher é um dos sujeitos que sofreu cotidianamente coma exclusão e preconceitos sociais, *isso aparece de forma clara e explicita na escrita do texto*. Em seguida os autores relatam diversas manifestações femininas de luta contra a desigualdade e de reivindicações, muitas delas referentes à condição de trabalho a que eram submetidas e ainda a reivindicação de direitos políticos como o direito ao voto.

Ao todo são oito *boxes* relatando manifestações femininas na Europa, na América e América Inglesa, descrevendo a participação da mulher em sindicatos, greves e manifestações reivindicativas.

Nesse capítulo identificamos que os textos contribuem de forma significativa para compreender uma construção própria da identidade feminina, ou seja, livre de uma identidade que lhe é atribuída em virtude da sua condição histórica de submissão e opressão, por isso consideramos como sendo muito significativa a construção realizada por meio dos conteúdos abordados nesse capítulo, que culminam com três imagens (Imagem 8) de manifestações e protestos femininos pelo direito de votar melhores condições de trabalho.



Algumas sufragetes escrevem em um muro VOTO PARA AS MULHERES



Protesto a favor do voto feminino. (Londres – 1914).



Sufragetes celebram sua vitória. (EUA - agosto – 1920).

**Figura 8-** Relações de trabalho e resistência da mulher

**Fonte:** SEED. Diversos Autores. Livro Público de História-Ensino Médio. Curitiba, 2006.

O livro público didático se encerra com o capítulo 20, intitulado “Relações culturais: movimentos sociais, políticos e culturais na sociedade contemporânea é proibido proibir?” Esse capítulo retrata diversos movimentos de resistência ao poder instituído e entre eles está o “Movimento Feminista”, elencando que na década de 1960 as mulheres passaram a denunciar as injustiças a que estavam sujeitas, assim surge em 1966 o Movimento Feminista nos Estados Unidos e na Europa. O texto indica ainda a expressão do Movimento em várias partes do mundo e retrata a opressão que o mesmo sofreu no Brasil na época da Ditadura Militar.

O texto relata também a criação do Decênio das Nações Unidas em para a s Mulheres produzido pela Organização das Nações Unidas – ONU em 1975 com ações afirmativas em relação à saúde, educação e trabalho.

Em 1980 Movimento Feminista se reorganizou e novas lutas foram incorporadas para pensar a questão das mulheres sobre a ótica do gênero já discutida na presente pesquisa.

Promover uma discussão sobre o movimento feminista em um livro didático de história é uma grande conquista atual, haja visto sua importância no contexto social histórico, isso demonstra que os autores compreendem a importância de se discutir a questão de gênero na história da humanidade.

No entanto encontramos aqui uma limitação na discussão, que não desqualifica a iniciativa de discutir o movimento feminista, mas limita potencialização e impacto do tema. A imagem que representa o movimento feminista nessa discussão é uma página de jornal convidando para a “reunião de bairro” que era o próprio movimento feminista quando esse era oprimido pela Ditadura Militar no Brasil, por isso deixa de expressar a força que o movimento teve e de contemplar que as pautas de luta e discussão eram promovidas pelas mulheres.



**BAIRROS  
UNIDOS  
POR UMA VIDA MELHOR**

Grande Concentração dos Moradores  
de Bairro ☆ dia 22 de maio ☆  
Ginásio do Tarumã ☆ 14 horas ☆

☆  
Luta pela Garantia da Moradia  
Legalização dos Terrenos  
Contra o Desemprego  
e o Arrocho Salarial  
Escolas, Hospitais, Creches,  
Esgoto, Transporte Barato, Luz,  
Água, Urbanização, Lazer.

Federação das Associações de Bairros do Paraná ☆ União Geral dos Moradores  
de Bairro de Curitiba ☆ Movimento das Associações de Bairro ☆ ☆ ☆ ☆

**Figura 9-** O movimento feminista disfarçado de Bairro Reunido

**Fonte:** SEED. Diversos Autores. Livro Público de História-Ensino Médio. Curitiba, 2006.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A disciplina de História é extremamente importante no currículo escolar, pois contribui para compreensão das questões sociais que se configuraram ao longo da história da humanidade em virtude das transformações que sofreram por meio da ação e do trabalho do homem.

Inicialmente, discutimos que de uma forma geral e especialmente em um determinado período do fazer histórico, a ciência História retratou apenas os feitos e ações dos “grandes homens” (brancos e europeus).

Assim, falar da mulher na história pressupõe compreender as questões que permearam a sua história e os fatores que contribuíram para construção da sua identidade como tal.

Tais questões chegam aos espaços escolares por meio dos conteúdos curriculares, sendo os livros didáticos um instrumento metodológico largamente utilizado pelos professores para o ensino dos conteúdos, compreendemos que este deve contribuir com o processo de discussão sobre a história da mulher ajudando a re-significar a sua identidade enquanto gênero oprimido e nesse aí reside a importância do estudo desse tema no curso ao qual se apresenta este trabalho.

Buscou-se compreender de que forma tal livro apresenta a mulher nos conteúdos históricos e de que forma a sua identidade é representada por meio de tais conteúdos e assim concluímos que referido livro apresenta ao longo dos seus vinte capítulos diversos conteúdos históricos que contemplam a presença feminina, demonstrando assim que há um esforço do conjunto de autores de localizá-la na história da humanidade.

No entanto inicialmente as discussões promovidas nos primeiros capítulos não problematizam a condição de submissão, segregação e violência que a mulher sofreu ao longo da história e que contribuíram significativamente para a construção da identidade do gênero feminino.

Conforme as discussões promovidas, os primeiros conteúdos apresentados são procedidos de diversos equívocos sobre condição feminina na história, além de abordagens limitadas e problematizações pobres ou mesmo inexistentes sobre as questões que envolvem a mulher.

A abordagem é embebida em estereótipos e não conduzem o aluno a uma reflexão crítica a cerca da história da mulher.

Nesse sentido o livro ora apresentado, inicialmente não revela uma nova história sobre as mulheres e uma nova representação de sua identidade e assim, conserva a história da humanidade representada apenas pelo paradigma do homem.

No capítulo 19, porém, um espaço específico é dedicado a discutir questões sobre as mulheres, espaço que não existe em outros livros pesquisados antes da escolha do livro didático público do Paraná.

Nesse capítulo a história das mulheres é apresentada de forma mais clara e compreensível, ainda que não problematize as questões, o que compreendemos como sendo extremamente importante e um primeiro passo para quebra de paradigmas e inclusão consistente da mulher na escrita da história da humanidade.

Diante das questões analisadas, concluímos que o livro didático público de História do Paraná contribui para a construção da representação de duas identidades femininas: a primeira é a “mulher de Atenas”, ou seja, a mulher nasceu para ser submissa ao homem, tutelada por ele, para ser esposa e procriar, cuidar do lar, ser obediente (e em algumas situações até mesmo merecedora de estar nessa condição) por ser um ser inferior, ou o ser causador de todas as desgraças do mundo.

E a segunda, apresentada mais timidamente, representa a identidade da mulher que vai a luta por direitos iguais, que se organiza, que compreende sua condição no mundo em que vive, que tem vontade própria, que constrói a própria história e a própria identidade.

## REFERÊNCIAS

BITTENCOURT. *Circe. Ensino de História: fundamentos e métodos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BARBERO, Martín Jesús. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. trad. REY, Germán. São Paulo: Senac, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. (trad.) MENEZES, Maria de L. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CHERVEL, André. *História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa*. Teoria e educação, Porto Alegre, Nº 2, p. 177-229, 1990.

CONFORTIN, Helena. *Discurso e Gênero: a mulher em foco*. In GHILARDILUCENA, Maria Inês (Org.). *Representações do Feminino*. Campinas: Átomo, 2003, p. 107-123.

GUIMARAES, Manoel L.S. *História e Identidade*. Revista eletrônica e-compós: 2004, Volume, 06. Disponível em: <http://www.compos.org.br/e-compos>, acesso em 27/10/2013.

HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. trad. Tomaz Tadeu Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Tendências e Impasses. O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 207-242.

LE GOFF, J. *História e Memória*. Trad. FERREIRA, Irene. LEITÃO, Bernardo. Borges, Suzana F. 5ª ed. Campinas : Unicamp, 2003

MOSOCOVIČI, Serge. *Representações Sociais investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. *Educação infantil; Fundamentos e Métodos*. São Paulo: Cortez, 2002.

PARANÁ. *Diretrizes Curriculares: HISTÓRIA*. Curitiba: SEED-PR, 2006.

PINSKY, CARLA B. *Estudos de Gênero e História social*. In: ALCANTRA, Solange F. dos Santos. CRUZ, Lirani Maria Franco da. MOREIRA, Rosani do rosário.(org) *Feminismo e Transformação Social*. Curitiba: World Laser, 2011.

PRATS, Joaquim; SANTACANA, Joan. Princípios para la enseñanza de la historia. In: PRATS, Joaquim. *Enseñar historia: notas para una didáctica*. Merida: Junta de Extremadura, 2001. p.13-16.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. trad. DABAT, Christine Rufino. ÁVILA, Maria Betânia. New York, Columbia University Press. 1989.

SPINK, M. J. P. *The Concept of Social Representations in Social Psychology*. Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 300-308, jul/sep, 1993.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. Vol. 22. São Paulo: Cortez, 2000.

SEED. Diversos Autores. Livro Público de História-Ensino Médio. Curitiba, 2006.

SOIHER, R. PEDRO, J.M. *A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281-300 – 2007.

## ANEXOS

Música: **Mulheres de Atenas**

Mirem-se no exemplo  
Daquelas mulheres de Atenas  
Vivem pros seus maridos  
Orgulho e raça de Atenas

Quando amadas, se perfumam  
Se banham com leite, se arrumam  
Suas melenas  
Quando fustigadas não choram  
Se ajoelham, pedem imploram  
Mais duras penas; cadenas

Mirem-se no exemplo  
Daquelas mulheres de Atenas  
Sofrem pros seus maridos  
Poder e força de Atenas

Quando eles embarcam soldados  
Elas tecem longos bordados  
Mil quarentenas  
E quando eles voltam, sedentos  
Querem arrancar, violentos  
Carícias plenas, obscenas

Mirem-se no exemplo  
Daquelas mulheres de Atenas  
Despem-se pros maridos  
Bravos guerreiros de Atenas

Quando eles se entopem de vinho  
Costumam buscar um carinho  
De outras falenas  
Mas no fim da noite, aos pedaços  
Quase sempre voltam pros braços  
De suas pequenas, Helenas

Mirem-se no exemplo  
Daquelas mulheres de Atenas:  
Geram pros seus maridos,  
Os novos filhos de Atenas.

Elas não têm gosto ou vontade,

Nem defeito, nem qualidade;  
Têm medo apenas.  
Não tem sonhos, só tem presságios.  
O seu homem, mares, naufrágios...  
Lindas sirenas, morenas.

Mirem-se no exemplo  
Daquelas mulheres de Atenas  
Temem por seus maridos  
Heróis e amantes de Atenas

As jovens viúvas marcadas  
E as gestantes abandonadas  
Não fazem cenas  
Vestem-se de negro, se encolhem  
Se conformam e se recolhem  
Às suas novenas  
Serenas

Mirem-se no exemplo  
Daquelas mulheres de Atenas  
Secam por seus maridos  
Orgulho e raça de Atenas

Composição: Augusto Boal / Chico Buarque · Esse